

## ENTREVISTA

### Entrevista com Renato Ortiz por Maria da Graça Setton

*Revista Sociologia da Educação - SE:* Sua formação acadêmica e trajetória de pesquisa.

**Renato:** Fiz a graduação, mestrado e doutorado na França. Estudei Sociologia em Vincennes (Paris VIII) criada logo após os eventos de 68. Tive a sorte de ingressar na universidade num momento de efervescência política e intelectual. Realizei meus estudos de pós-graduação na École Pratique des Hautes Études (posteriormente ela mudou de nome: École des Hautes Études en Sciences Sociales). Defendi meu mestrado sob a orientação de Edgar Morin e o doutorado com Roger Bastide. Através de Bastide consegui meu primeiro emprego, "lector" na universidade de Leuven, na Bélgica. Também comecei a dar aulas como professor assistente no Instituto da América Latina em Paris. Tinha, porém uma idéia fixa, não queria me transformar num "francês". Com a abertura política, retornei ao Brasil em 1976. Trabalhei em diversas universidades, uma trajetória incomum na minha geração: UFPa-João Pessoa, UFMG-Belo Horizonte, PUC de São Paulo, por fim a Unicamp, onde permaneço até hoje.

Procurei refletir sobre meu itinerário no livro *Trajetos e Memórias* (Brasiliense, 2010). Mas o relato se concentra no período de formação intelectual, deixando de lado os projetos que elaborei a partir de 1985. Não é tão simples falar sobre si mesmo, particularmente no que diz respeito às idéias. Creio que existe em meus trabalhos rupturas, mas

também alguma continuidade. Os temas são variados e distintos, cultos afro-brasileiros, cultura popular, indústria cultural, identidade nacional, mundialização, as ciências sociais. Entretanto, existe uma linha de interesse comum que alinhava minhas preocupações, desde meu primeiro livro "A morte branca do feiticeiro negro" até meus escritos sobre a problemática da mundialização da cultura. De alguma maneira, eu me debrucei, em momentos distintos, sobre uma temática comum, a identidade e a questão nacional. Evidentemente, no início eu me inseria no âmbito de uma tradição secular: entender a sociedade brasileira. Com o processo de globalização fui obrigado a retomar essas questões dentro de outra perspectiva, no entanto, tratava-se novamente de compreender a ressignificação do nacional, das identidades, no seio de uma situação nova e de abrangência planetária. Meus últimos projetos se inserem dentro desta perspectiva, como o estudo sobre o Japão ou sobre a hegemonia da língua inglesa nas ciências sociais.

**SE:** Quais seriam seus interlocutores atuais; como define suas prioridades de investigação.

**Renato:** Minha interlocução com colegas, bibliografia, tradições intelectuais, foram se forjando ao longo dos projetos que realizei. Nos temas relacionados à cultura popular, à modernidade brasileira, procurei dialogar com os autores do passado (Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Antonio Cândido, os intelectuais do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, etc.) assim como os trabalhos que vinham sendo realizados nas décadas de 70 e 80. Aos poucos, ao voltar-me para a temática da mundialização da cultura, fui me inserindo no debate intelectual latino-americano. Ampliei assim meu universo de

interlocutores: Jesus Martin Barbero, na Colômbia; Nestor Garcia Canclini e Rossana Reguijo, no México; Anibal Ford e Carlos Altamirano, na Argentina. Todos os meus livros, a partir de então, conheceram uma tradução em língua espanhola.

**SE:** Sua obra construiu discípulos e/ou uma linha de pesquisa?

**Renato:** Nunca pensei em termos de discípulos, na verdade, me incomoda imaginar as coisas assim. Formei vários alunos e tenho sido bastante lido no Brasil e na América Latina. Um livro como "Cultura Brasileira e Identidade Nacional" teve uma tiragem perto dos 20.000 exemplares; "A Moderna Tradição Brasileira" e "Mundialização e Cultura" foram também re-editados inúmeras vezes. Isso é pouco usual, pois se trata de livros acadêmicos e relativamente "antigos" (1985, 1988, 1994). Digamos que eu me vejo como um participante ativo no debate das idéias. Percebo que, paulatinamente, vou também conquistando alguns leitores fora do circuito brasileiro ou latino-americano, um pouco na Europa, e nos Estados Unidos, principalmente pelas traduções em idioma espanhol. Mas tenho claro, um leitor não é propriamente um discípulo. Prefiro imaginar que possuo vários leitores. Quanto à linha de pesquisa, creio que é possível dizer que venho trabalhando as questões de sociedade privilegiando a esfera da cultura. Para mim ela é uma inter-secção, uma dimensão na qual se cruzam níveis distintos: simbólico, econômico, político, social. Talvez, por isso, muitas vezes meus trabalhos sejam associados à idéia de inter-disciplinaridade. Gosto da proposta de Mauss na qual ele define os fatos como fenômenos sociais totais. A esfera da cultura nos permite construirmos objetos sociais totalizadores.

**SE:** Qual é sua interlocução com a Sociologia de Portugal ou Ibérica?

**Renato:** Infelizmente ela é pequena. Isso se deve a vários fatores. Primeiro, minha trajetória: estudei na França, retornei ao Brasil, vivi nos Estados Unidos (fui *fellow* da Universidade de Columbia e professor convidado da Notre Dame University, Indiana), e com os estudos sobre a globalização, voltei-me para a América Latina. Mas existem, também, elementos de natureza objetiva: a débil relação entre as comunidades acadêmicas brasileira e ibérica; a inserção dos cientistas sociais portugueses e espanhóis na Comunidade Européia; além da história das ciências sociais na época de Salazar e Franco. Temos tendência em negligenciar este aspecto (assim como no Brasil gostaríamos de esquecer os tempos de ditadura militar). A Sociologia conheceu em Portugal e na Espanha, durante décadas, uma situação adversa para florescer enquanto pensamento crítico. Dificilmente alguém de minha geração se sentiria atraído por um ambiente tão rarefeito. Afinal, diante da truculência de nossos militares, simplesmente preferi deixar o Brasil para me arejar na França pós-68. O resultado de tudo isso é, no entanto, desanimador. Vejo com uma ponta de frustração esse distanciamento entre pesquisadores que em princípio deveriam estar muito mais próximos.

**SE:** Quais aproximações possíveis e necessárias entre a Sociologia da Cultura e a Sociologia da Educação?

**Renato:** A Sociologia da Educação nasce em torno de uma instituição específica: a escola. O que lhe interessava compreender eram os mecanismos de socialização privilegiando o espaço educacional. Neste sentido, enquanto especialização, a Sociologia da Educação se separa de

uma eventual Sociologia da Cultura. No entanto, não se pode esquecer que a socialização se faz no interior da própria cultura. Esta divisão inicial, que delimita fronteiras disciplinares, termina por dificultar a compreensão do que se quer apreender. Um exemplo: a noção de capital simbólico em Bourdieu. Dificilmente poderíamos entender um conjunto de escolhas na esfera do consumo, a construção das representações sociais, sem levarmos em consideração a passagem pela escola. Vice-versa, qualquer estudo sobre a socialização das crianças nas escolas, deve obrigatoriamente considerar a força da sociedade de consumo na constituição de suas "mentalidades". A escola, ao lado da família, da religião, dos shopping-center, etc, é apenas uma das instâncias que constroem a subjetividade dos indivíduos. Tenho impressão que este mutismo entre especialidades distintas, funciona mais como afirmação das identidades profissionais, do que propriamente como estratégia de conhecimento.

**SE:** Qual a validação do conceito internacional popular e mundialização para o campo da educação nos dias atuais?

**Renato:** Penso que a problemática da mundialização da cultura coloca de maneira explícita dois temas que interessam ao campo da educação. Há, primeiro, um descentramento dos vínculos sociais em relação ao Estado-nação. Não se trata do seu "fim", como apregoavam alguns autores, mas de sua redefinição no contexto globalizado. Como a escola surge como uma instituição da modernidade industrial, sua constituição e história encontram-se intimamente ligadas à situação nacional. Isso tem uma consequência: o enfraquecimento de sua legitimidade (o que não significa que ela não tenha importância). Fenômeno que acontece com outras

instâncias da vida nacional. O segundo aspecto diz respeito à socialização. A esfera do consumo, que possui uma dimensão planetária, torna-se uma força que se contrapõe à escola em termos de constituição das identidades individuais. A questão seria portanto: como pensar a educação dentro deste novo contexto.

**SE:** O que o aproxima dos sociólogos latino-americanos - como Garcia-Canclini, Martín-Barbero? Poderíamos afirmar que seriam os temas, a abordagem teórica ou a condição latino-americana?

**Renato:** É uma boa pergunta. Não sei se saberei respondê-la satisfatoriamente. Eu diria que as abordagens teóricas são distintas. Garcia-Canclina vem da Filosofia e se enveredou pela Antropologia; Martín-Barbero, também filósofo de formação, voltou-se para o campo da comunicação. Penso que cada um de nós tem suas preferências e inclinações teórico-metodológicas. No entanto, várias coisas nos aproximam. Primeiro a problemática da cultura, ela se encontra desenvolvida em todos nossos trabalhos: cultura popular e consumo nos textos de Nestor, indústria cultural e meios de comunicação, nos de Jesus. Há, certamente, a condição latino-americana, mas eu diria que não é tanto sua mera existência que nos aproxima, mas o fato de nela nos inserirmos, reflexivamente, de maneira um tanto específica. Por exemplo: a crítica à questão nacional. Contrariamente à tradição intelectual anterior, que buscava fundar um "pensamiento latinoamericano", todos desconfiávamos das ambiguidades da questão nacional. Isso fez com que cada um de nós buscasse uma outra maneira de se compreender a construção da modernidade, sem cairmos nas explicações do tipo: o "atraso" na América Latina (tema que se mantém, inclusive, nas

abordagens propostas pela teoria da dependência). Talvez a problemática da globalização tenha sido importante devido à sua potencialidade crítica em relação ao nacional. Não estou falando do "fim" do Estado-nação, nenhum de nós acreditou ou escreveu sobre este falso problema. Entretanto, ela exigia: por um lado uma nova abordagem conceitual, por outro, uma relativização da preeminência do nacional. Talvez exista ainda, um outro aspecto. A América Latina sempre foi, muito mais uma perspectiva imaginária do que uma realidade concreta. O debate sobre a identidade latino-americana tinha um aspecto ideológico, a busca de um ideal, e, de fato, se afastava das questões concretas que nos envolviam. A situação de globalização transforma isso tudo. Interesses econômicos, migrações entre fronteiras, narco-tráfico, programas de televisão, intercâmbios universitários, fazem com que esta América Latina adquira uma dimensão real, evidentemente marcada por conflitos, que se distancia do debate um tanto abstrato no qual ela se encerrava.

**SE:** O que se tem feito de na sociologia brasileira? É possível dizer que a sociologia brasileira construiu um perfil que se diferencia da latino-americana?

**Renato:** Já não consigo acompanhar o que se faz nas ciências sociais brasileiras. O número de livros, artigos, institutos de pesquisa, centros de pós-graduação, é tal que fico um pouco desorientado. Não tenho dúvidas que isso significa um relativo progresso. Contrariamente a países como Argentina ou Colômbia, existe uma rede nacional de cursos de pós-graduação. O Estado brasileiro também aprimorou os mecanismos de financiamento à pesquisa, o que nos dá uma relativa liberdade de ação em relação a nossos colegas latino-americanos, e eu arriscaria, até mesmo

européus. Creio, porém, que as ciências sociais no Brasil, principalmente na última década, encontram-se demasiadamente institucionalizadas. Tenho às vezes a impressão que a circulação, a produção de *papers*, o sistema de avaliação, tornou-se mais importante do que o debate das idéias. Não gosto disso.

**SE:** O que você tem lido?

**Renato:** Leio coisas diversas, literatura, ensaios políticos ou históricos. Tenho uma predileção por textos que despertem minha imaginação (eles não são muito fáceis de se encontrar). Dou um exemplo. Alguns anos atrás eu fiquei em Florença durante um mês. Não tinha nenhum objetivo específico a realizar, queria apenas ler de maneira errática. Meu amigo Carlos Altamirano, antes de minha viagem, perguntou-me durante um almoço em São Paulo: "Renato, explique-me de maneira concisa o que você vai fazer em Florença". Eu lhe disse, "Carlos, acabo de terminar um livro e estou sem nenhuma idéia interessante. Faz meses, nada faço. Não sei muito bem o que conseguir na Itália, gostaria de caminhar à esmo e ver se encontro algum estímulo". Ele retrucou: "Como dizia Starobinski, utilizando um termo da Psicanálise, você vai exercitar a sua *atención flotante*". Eu procuro ler coisas que alimentem a tal da *atención flotante*.

**SE:** Fale do processo de criação de seu último livro "Trajetos e Memória".

**Renato:** "Trajetos e Memórias" foi escrito há anos atrás quando preparei meu memorial de Livre-Docência na Unicamp (a defesa foi feita em 1989, a primeira versão do texto é de 1988). Como era uma trajetória pessoal, deixei o manuscrito, quero dizer, o texto produzido através de um

computador, na gaveta. A versão digital armazenada em disquete já não conseguia ser lida no meu Mac dos anos 2000. Tive de contratar alguém para digitalizá-la. A partir daí reescrevi o texto várias vezes. Mantive a ordem e a natureza dos argumentos, mas procurei arredondar a escrita. Eu queria, a partir de minha trajetória, falar do trabalho intelectual, de seu encanto e de suas armadilhas. Foi uma experiência de escrita nova, árdua, mas compensadora, na qual, enquanto narrador eu me distanciava de mim mesmo. O resultado foi uma viagem pelo universo das ciências sociais na França, no Brasil e nos Estados Unidos. Tentei, de alguma maneira, recuperar a idéia das ciências sociais como um artesanato, o que não deixa de ser oportuno em tempos de institucionalização do saber em escala internacional.